Modernidade Epistemológica e Aceleração do Tempo[1]

Cláudia Linhares Sanz[2]
Universidade Federal Fluminense
Programa de Pós-graduação em Comunicação, Imagem e Informação
Aluno mestrando

Resumo

Com o objetivo de desenvolver bases teóricas para pensarmos as mutações por que passa a subjetividade contemporânea, em especial a experiência de temporalidade, este texto realiza um recuo histórico, investigando a construção temporal da modernidade. Seria a aceleração uma experiência singular de nossa atualidade? Acreditamos que a aceleração do tempo moderno esteve profundamente atrelada às técnicas de controle e disciplina do poder e à conquista do espaço. Além disso, essa crise de *representabilidade* também está intimamente ligada à "temporalização" e à "aceleração do tempo" identificada no século XIX. O tempo passa a ser um agente absoluto de mudança e as representações são engolfadas por uma reta evolutiva, lei compulsória de mudança e inovação, vetor que opõe o passado – espaço da experiência – ao futuro, horizonte de expectativa.

Palavras-chave

Tempo; espaço; disciplina; crise de representação; aceleração

Corpo do trabalho

[1]Trabalho apresentado ao NP 01 – Teorias da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, coordenado pelo Prof. Dr. Giovandro Marcus Ferreira. (UFBA)

[2] Jornalista e fotógrafa formada pela Universidade Federal Fluminense, mestranda em *Imagem, Comunicação e Informação*, na Universidade Federal Fluminense, pós-graduada em *Fotografia como Instrumento de Pesquisa nas Ciências Sociais*, na Universidade Cândido Mendes, leciona hoje como professora de fotografia na graduação em Comunicação Social na *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, na escola *Ateliê da Imagem* e no Instituto Brasileiro Audiovisual – Escola *Darcy Ribeiro*.

Pensar o tempo

Por Cláudia Linhares Sanz

A comunicação está no eixo principal de uma mudança de paradigma ainda hoje em plena configuração. O advento da rede mundial de informática permitiu deslocar conflitos, solidariedades e debates para além da visão ou da corporeidade humana. Ela relativizou tão radicalmente as balizas epaço-temporais que pode, inclusive, abalar o princípio de que um corpo não poderia jamais ocupar dois lugares ao mesmo tempo. O redimensionamento dos centros de poder em uma ordem global ligada à lógica do mercado, junto à ação dos meios de comunicação, configura um novo tipo de sociedade e, sobretudo, novas práticas subjetivantes. De fato, as novas concepções sobre o *tempo* e o *espaço*, ambas categorias fundantes de nossos modos de viver, podem ser avaliadas como sinais do processo de mutação que se opera na cultura contemporânea. Uma espacialidade que, progressivamente, desassocia a posição de um corpo experimentador (e agente) das zonas acessíveis à sua experiência (e ação). Uma temporalidade múltipla que entrelaça os laços passado, presente e futuro, diluindo a simetria moderna entre espaço da experiência e horizonte aberto da expectativa. O futuro já não é o mesmo, mas é, sobretudo, o presente que se transforma.

Esse é o ponto de partida de nossas investigações: a sensação de que, progressivamente, o tempo parece soprar com mais velocidade. Mas não temos como escapar. O tempo é sempre o *nosso tempo*, sempre atualidade, sempre contemporâneo. O *nosso hoje* é veloz, controlado por relógios atômicos, cuja regularidade – baseada num fenômeno eletromagnético – é maior que a própria regularidade da rotação da Terra e da translação dos planetas ao redor do Sol.[3] Tempo nervoso, entrelaçado, presente *continuum*. Nele, cada questão, pausa reflexiva, interrupção do fluxo parece ser um remar contra sua violenta correnteza. Surge, então, a pergunta (como espécie de resistência e teimosia). Emerge como alguém que tenta escapar do fluxo, se agarrar às margens: seria essa uma experiência singular de nossa época? É possível pensar o passar do tempo em outras atualidades? Tento imaginar se Walter Benjamin, enquanto escrevia, experenciava a angústia de um amanhã que é hoje, ou se esse mal estar do esquecimento, tão comum entre nós atualmente, afetava seu desejo de futuro emancipador. Penso se o tempo para ele extinguia-se nesse mesmo ritmo do relógio digital. Sei, entretanto, que essa, a sensação

[3] Scientif American, 2ª edição de 2000.

temporal, é uma medida difícil de se estabelecer. Em que se apóia o passar do tempo? “Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar (...) já não sei”, respondeu Santo Agostinho, quando, por volta de 398-399, colocou em questão o problema do tempo. No décimo primeiro livro de *Confissões* o bispo se depara com esta inquietante pergunta: *"Que é, pois, o Tempo?*”. Santo Agostinho buscava uma definição, uma forma que pudesse abarcar a substância do elemento mais absoluto de nossas existências e, ao mesmo tempo, mais abstrato. Uma imagem para o mistério: era o que o bispo gostaria de encontrar. Uma definição da natureza do tempo, problemática que inquietou (e ainda inquieta) muitos outros filósofos, cientistas, escritores, poetas, grandes pensadores como Aristóteles, Newton, Einstein – para citar os mais óbvios.

A primeira questão aqui, portanto, é circunscrever de que tempo estamos tratando. O que nos interessa não é encontrar uma definição mais adequada para o tempo, uma descrição científica de leis naturais, a apreensão da essência de uma matéria inerte. Não tratamos aqui de qualquer noção de tempo absoluto, exterior aos homens – o tempo “coisa”. É de um tempo relativo que falamos, mas não do tempo físico de Einstein, mas do tempo múltiplo dos homens, mais pobre em cientificidade, mas rico em textura e experiência. Nosso pensar aqui é sobre o tempo do cotidiano (do senso-comum em diversos aspectos), sua experiência social, a maneira como os homens sentem seu passar e se pensam a partir dessa categoria. O jeito como se posicionam no cotidiano baseados nele, como constroem memórias e inventam projetos. O tempo fabricado por nós, inventado como noção; inserido num conjunto de práticas sociais que articulam domínios de poder-saber. Esse é o tempo que não apenas propicia o aparecimento de novos objetos, mas também produz o nascimento de formas próprias de subjetivação e sujeitos do conhecimento. Um tempo visto sob a ótica foucaultina, sem qualidade essencial, metafísica e a-histórica, tempo configurado nas práticas sociais, nas relações e disputas de poder, tempo que existe descontinuamente na história.

De fato, pensar o tempo significa recortá-lo, delimitar seus prazos e limites. Desse modo, nosso objetivo é tratar do tempo a partir da experiência contemporânea, refletir sobre o *nosso tempo*. Partimos da suspeita de que ele apresenta uma aceleração em ritmo nunca experimentado antes e que o habitamos como um devir contínuo escorregadio. Mas quais, entretanto, seriam as matrizes históricas da atual temporalidade? Como a atual experiência

do tempo e do espaço difere daquela de outros tempos e, principalmente, da Modernidade? Seria possível identificar realmente uma ruptura epistemológica entre Modernidade e Contemporaneidade em termos de temporalidade? Ou seria essa pura impressão de quem vive o presente? Para refletir sobre tais questões operamos a partir das margens, do confronto com outro tempo, contrapondo-o à experiência moderna. Na realidade, tais experiências estão profundamente conectadas e relacionadas. Há mesmo uma impossibilidade de desassociá-las, não por um laço cronológico, mas por uma espécie de gravidez. Assim, o presente texto dedica-se a delinear as margens inexatas da experiência temporal moderna.

Saudades dolorosas dos tempos que nunca foram[4]

> O rápido agrupamento de imagens em mudança, a descontinuidade acentuada ao alcance de um simples olhar e a imprevisibilidade de impressões impetuosas: essas são as condições psicológicas criadas pela metrópole. [5]

Tal citação descreve bem o que vivemos atualmente: mundo fundamentalmente urbano, aceleração, mudanças, fluxo, descontinuidade, imprevisibilidade, rapidez. Palavras que enfatizam urgências, intensidade, sobrecarga de informação, poluição visual, esfera pública alterada, acaso. E vamos além: "o espectador (...) confessa que nesses dias de afobação quase sempre fica um pouco nervoso nas ruas da cidade com receio de que alguma coisa possa acontecer a alguém". Nada seria estranho se não soubéssemos que ambas as afirmações citadas foram escritas há um século. A primeira, por Georg Simmel em 1903, no ensaio "A metrópole a vida mental", e a segunda, por um editor do jornal *Outlook* em 15 de setembro de 1900. Talvez espante o leitor saber que tais apreciações do início do capitalismo industrial já demonstravam uma evidente preocupação com a vida urbana, caótica, acelerada, fragmentada e perigosa, tão corrente nos dias atuais. Como se poderiam mostrar tão atuais descrições feitas há um século? Haveria de fato uma mudança na experiência humana do século XIX para aquela nossa da contemporaneidade?

Muitos autores do século passado, como Georg Simmel, Siegfried Kraucauer e Walter Benjamin, enfatizaram que a modernidade e o capitalismo industrial deveriam ser

---

[4] "Ah, não há saudades mais dolorosas do que as das coisas que nunca foram!" Fernando Pessoa. Livro do Desassossego. São Paulo: Companhia das Letras, 1999:121.

[5] Singer, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. *In* Charney, Leo e Schwartz, Vanessa, *O cinema e a invenção da vida moderna*, São Paulo: Cosac & Naify, 2001: 116.

compreendidos não apenas a partir das mudanças tecnológicas, demográficas e econômicas, mas tendo em vista o caráter efêmero do mundo urbano, produzindo uma alteração fundamental na estrutura da experiência humana. Benjamin, por exemplo, dedica-se à virada do século com atenção, voltando-se para o surgimento desse ambiente moderno capaz de transformar a natureza e a experiência do tempo, da arte e da história. Essa questão é tão forte para o autor, a ponto de, em seu último texto, abarcar plasticamente o aspecto fragmentário que identifica no mundo moderno. Em *Trabalho de Passagens*, interrompido por sua morte em 1940, constrói (e talvez essa seja a melhor palavra para descrever o que Benjamin realizou) uma obra composta por centenas de folhas dobradas ao meio para criar "fólios", agrupados em "maços", de acordo com seu paradigma ou tema central, esses organizados em ordem alfabética. Benjamin descreve suas *Passagens* não como um trabalho, mas como um evento progressivo, uma meditação peripatética ou *flânerie*, na qual tudo o que é encontrado por acaso no caminho torna-se uma direção potencial que seus pensamentos podem tomar.[6] Essa "montagem literária" está nitidamente vinculada à idéia de uma montagem de cinema, numa lógica não-linear e em estilo fragmentário que ilustravam plasticamente o sentido da experiência moderna: justaposições anárquicas, encontros aleatórios, sensações múltiplas e significados incontroláveis.

Talvez pense o leitor que Benjamin teria ficado muito feliz em realizar suas *Passagens* em um cdroom composto por vários hipertextos e rapidamente conclua que não há diferença fundamental entre o discurso de Benjamin e o dos teóricos contemporâneos, quando descrevem a predominância do instante na "pós-modernidade". Estaríamos enganados, portanto, quando dizemos que experimentamos uma sensação de aceleração sem precedente na história? Quando terão o tempo se acelerado e o espaço se comprimido?

De certo modo, não temos como ignorar o fato de a concepção de Benjamin e os argumentos de Simel anteciparem em muito as questões levantadas pelos teóricos contemporâneos como condição da pós-modernidade. A questão que se coloca aqui, é, entretanto, fundamentalmente, metodológica. O que seria mais interessante: notar aquilo que permanece apesar do passar do tempo ou aquilo que com ele se altera? Como identificar a diferença naquilo que aparenta ser o mesmo? E mais ainda: será que a

[6] Charney, Leo. Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade. *In* Charney e Schwartz, *op. cit*.: 392-394.

aceleração a que Benjamin se refere produz os mesmos sentidos da que é produzida atualmente pelo desenvolvimento vertiginoso das novas tecnologias?

Ritimo do *tic-tac*: a disciplina dos corpos

Iniciemos com uma imagem: "O ritmo da vida moderna, a velocidade com que as coisas se movem hoje, a força e a energia com que tudo é feito angustiam o homem de compleição arcaica, e essa angústia é a medida do desequilíbrio entre suas pulsações e as pulsações do tempo."[7] A descrição de Ortega Y Gasset nos atinge como uma boa imagem: nos transporta para seu século, nos faz imaginar o tempo regulado se instaurando na vida cotidiana, nos faz ouvir o atrito dos bondes nos trilhos, cheirar o combustível das fábricas queimando, visualizar o tumulto desses centros, sentir o esforço dos corpos que lutavam para se sincronizar na temporalidade acelerada de um passante urbano. As cidades sempre foram movimentadas, mas nunca o haviam sido tanto como na virada do século XIX para o XX. Intensifica-se o comércio, o sistema de tráfego se complexifica. Configura-se um tempo especificamente urbano: mais veloz e fragmentado do que qualquer outra fase anterior da cultura humana. Tráfego, ruídos, painéis, sinais de trânsito, multidões que se acotovelam, vitrinas, anúncios. Intensidade de estímulos sensoriais nunca vista. Bombardeio de impressões, choques e sobressaltos, transportes mais velozes, horários prementes do capitalismo moderno, velocidade da linha de montagem: ritmo, ritmo, ritmo. Tratava-se realmente de uma mudança fenomenal de um estado de equilíbrio e estabilidade para outra experiência, chamada por Benjamin de experiência de "choque". Para esse autor, a irrupção da Modernidade surgiu nesse afastamento da experiência concebida como acumulação contínua em direção a uma experiência de *choques* efêmeros e momentâneos que bombardeavam e fragmentavam a experiência subjetiva como granadas de mão.[8]

A própria imprensa da época tematizava essa investida violenta em uma percepção "atenta". Numa análise muito interessante, Singer demonstra como o surgimento da imprensa sensacionalista está ligado à vivência desse ambiente de hiperestimulação e ao próprio aspecto arriscado da vida moderna que, não por acaso, foi vivido de modo mais agudo pela classe trabalhadora, que constituía o principal leitor dessa imprensa.[9] Através da

---

[7] José Ortega Y Gasset, A rebelião das Massas, São Paulo: Martins Fontes, 1987. In Singer, *op. cit*:148.
[8] Charney, Leo. *op. cit*.:394.
[9] Singer, *op. cit*.:132.

recuperação de inúmeras *charges* e ilustrações, Singer disserta sobre uma imprensa que parece flutuar entre a nostalgia antimoderna de uma época tranqüila e uma fascinação de fundo grotesco e extremo. De um lado, crítica social e, de outro, sensacionalismo comercial, fazendo parte do mesmo fenômeno do hiperestímulo moderno que as próprias imagens criticavam. Não é de surpreender que a Modernidade inaugure o "*suspense*" como tônica da diversão moderna. Tanto a imprensa como o cinema podem, assim, ser entendidos como *efeitos-instrumentos*, que refletem, mas, ao mesmo tempo, intensificam a velocidade, simultaneidade, superabundância visual e o choque visceral. Como bem analisa Jonathan Crary, trata-se de um sistema econômico que demanda a atenção do sujeito em relação a uma ampla gama de novas tarefas produtivas e espetaculares.[10] Trata-se, sobretudo, de um processo de individualização da regulação social do tempo, que pode ser compreendido como parte de um movimento mais amplo, o "processo civilizador".[11]

É importante dizer que esse controle do tempo estava, na realidade, profundamente ligado a manutenção dos territórios espaço que, este sim, era o objetivo supremo da Modernidade. O tempo não tinha um valor em si, mas significava, sobretudo uma ferramenta para a conquista e manutenção do espaço. Neste sentido, a Modernidade tem um desejo insaciável de adquirir cada vez mais territórios: são os impérios que precisam se infiltrar em todos os continentes, os espaços vazios que precisam ser eliminados do globo terrestre. É preciso delimitar as fronteiras e gerenciar sua manutenção. É preciso arraigar laços resistentes e inexoráveis, pois a propriedade está fundamentalmente atada ao solo. Imaginemos a arquitetura das fábricas, a massa dos prédios, o peso do maquinário, os trabalhadores em posição: todos eles criavam um elo indissolúvel entre terra e capital. Segundo Baumam, é por este motivo que a sociedade moderna em sua fase "pesada", "volumosa", "imóvel", "enraizada", "sólida" só poderia ter o fordismo como uma espécie de autoconsciência. Os donos do capital precisavam estar ali, perto de suas propriedades, controlando a distribuição espacial e temporal do trabalho de seus empregados. Toda essa valorização do espaço era, segundo o autor, o motivo pelo qual o tempo se constituía como valiosa ferramenta. Numa espécie de ciclo que se reafirma, a conquista do espaço veio a

[10] É importante ressaltar, entretanto, que essa atenção moderna e capitalista, inclui seu necessário déficit, sua necessária desatenção, pois é a própria lógica cultural do capitalismo que nos faz apreender com naturalidade suas bruscas alterações, seus novos produtos.
[11] Elias, *op. cit*. 23.

demandar a invenção de máquinas cada vez mais velozes, pois o movimento acelerado significava, fundamentalmente, a possibilidade de conquista do valor supremo àquela época: a terra. Nas palavras de Zigmunt Baumam, a Modernidade teria, assim, "nascido sob as estrelas da aceleração e da conquista de terras, e essas estrelas formam uma constelação que contém toda a informação sobre o seu caráter, conduta e destino."[12]

Não é de surpreender que a máquina mais emblemática do capitalismo industrial seja exatamente este incrível contador mecânico de ponteiros temporais: o relógio.[13] Esse aparelho parece materializar como ninguém os valores modernos, sendo capaz de regular, medir, ajustar o tempo em termos quantitativos. Uma máquina apta a sincronizar as tarefas humanas a partir de um regime de atenção próprio ao capitalismo industrial, transformando, adaptando e anexando organismos a seus ponteiros. Neste sentido, a expansão do uso do relógio e sua popularização parecem representar, mais do que uma simples inclusão tecnológica, a transição para uma sociedade industrial e, sobretudo, para um universo da lógica disciplinar enraizado ao espaço. Em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault demonstra como nas fábricas do fim do século XIX o "quadriculamento" individualizante se complexifica cada vez mais através de uma certa distribuição espacial de produção e de um extremo rigor temporal. Segundo o autor, o processo de organização temporal e espacial é profundamente afinado pelas disciplinas. Instaura-se toda uma economia temporal, disseminada em uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, apoiados uns sobre outros, convergindo em ação.[14] As escolas, os hospitais, o exército, as fábricas... todos pautados por apitos, sinais, sirenes, comandos que impunham uma ordem temporal na qual a rapidez parecia ser a grande virtude. Tais sinais não serviam apenas para ordenar um horário, mas para esgarçar o tempo através da disciplina, afinar os corpos numa atividade de melodia pobre – batida sincrônica que visava utilizar integralmente os minutos numa atitude circunscrita em espaços. De fato, trata-se aqui do desenvolvimento cada vez mais acentuado, a partir da época clássica, de técnicas para a apropriação temporal das "existências singulares", no sentido de reger as relações temporais dos corpos e das forças, para reverter o "tempo que passa" em lucro e

---

[12] Baumam, *Modernidade Líquida.* Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001:131.

[13] Sibilia, Paula. *O homem Pós-orgânico:* Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002: 23.

[14] Foucault, Michel. V*igiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987: 119.

utilidade. Instaura-se uma arquitetura que distribui os corpos a seu serviço, uma regulação de tempo que se realiza através de um certo ritimo, sobretudo, seqüencial, uma operação que faz o controle penetrar no ato cotidiano, no gesto habitual, no modo como o corpo e o tempo são "experenciados".

Poderíamos concluir, então, que essa modificação da experiência temporal e perceptiva se deu em função da invenção das máquinas industriais e do avanço do capitalismo. É claro que o capitalismo industrial e o poder disciplinar estão no centro dessa questão, não só acelerando o tempo, mas o regulando, exigindo, de fato, um certo regime de atenção e formatação corporal fundamental para um sujeito produtivo e adaptável socialmente. Entretanto, para aprofundarmos o estudo, talvez seja interessante pensar outras dimensões que constituíram a Modernidade. Nesse sentido, podemos estabelecer paralelos entre as descrições efetuadas por Benjamin e Simmel e o que Hans Ulrich Gumbrecht identifica no campo hermenêutico – aproximando-nos de uma análise que relaciona práticas cotidianas, cultura e produção de conhecimento – como adjacências históricas que constituem um amálgama complexo.

Crise de representação e a modalização temporal

Para Gumbrecht, é a partir do século XIX que se atribui ao tempo a função de ser um agente absoluto de mudança. Esse processo estaria fundamentalmente vinculado a uma mudança epistemológica significativa, na qual aquele sujeito observador que, no início da Modernidade, confiava cegamente em uma produção de conhecimento de primeira ordem (e objetiva) passa a se observar e a se perceber como observador de segunda ordem, "interpretativo".[15] Segundo autor, o que diferencia o período chamado por ele de Início da Modernidade – momento em que se inventa a imprensa e o continente americano é descoberto – do período caracterizado como Modernidade Epistemológica, a partir, principalmente, das décadas em torno do ano de 1800, é exatamente o fato de estar sendo deixada para trás a confiança cega no conhecimento produzido pelo observador de primeira ordem e emergindo um observador que se observa enquanto observa o mundo.

Por um lado, o observador da Modernidade Epistemológica adquire uma dimensão corporal inédita, que passa a constituir a complexidade de sua condição perceptiva. Por outro lado, as superfícies materiais do mundo perdem sua coesão, fragmentam-se e passam

[15] Gumbrecht, Hans Ulrich. *A Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998: 14.

a estar em constante processo de reavaliação. Isso significaria dizer que o mundo já não é mais tão estável, tão "dado", tão apreensível de maneira objetiva. Entra em jogo a "visão" do observador, seu próprio corpo humano em geral, seu gênero e seu corpo individual. O novo observador é auto-reflexivo e não tem mais um olho transparente, mas opaco; seu conhecimento passa a depender de seu ponto de vista e de seu aparato cognitivo. O corpo, suas contingências, multiplicidades, seus sentidos, sua "personalidade" interferem agora na percepção. A totalidade do mundo renascentista é definitivamente esfacelada. Cada fenômeno particular pode produzir uma infinidade de percepções, formas de experiência e representações possíveis. Nenhuma dessas múltiplas representações pode jamais pretender ser mais adequada ou epistemologicamente superior a todas as outras. Trata-se de uma mudança epistemológica significativa, problema muito bem estudado por Foucault em *As palavras e as coisas*, denominado por ele de *crise da representabilidade*: "O que muda, na curva do século, e sofreu uma alteração irreparável foi o próprio saber como modo de ser prévio e indiviso entre o sujeito que conhece e o objeto de conhecimento."[16]

Essa crise epitemológica, na qual a experiência perceptiva perde as garantias que mantinham sua relação privilegiada com a criação do conhecimento, pode ser notada, de certo, em vários campos sociais. Vamos identificá-la, por exemplo, se comparamos os modelos da produção de conhecimento na – utilizando a nomenclatura proposta por Gumbrecht – Primeira Modernidade com aqueles produzidos na Modernidade Epistemológica. Neste sentido, podemos citar a câmera obscura que, na Primeira Modernidade, foi muito utilizada por diversos autores, inclusive por Newton em *Opticks* (1704) e Locke em *Ensaio sobre o entendimento humano* (1690), como modelo de observação para os fenômenos empíricos e como dispositivo emblemático de uma reflexão introspectiva e de auto-observação de um sujeito descorporificado. Esse diagrama do conhecimento, metáfora discursiva de um certo paradigma de reflexão e de uma certa produção de "verdade", tão caro a esses autores, acaba perdendo sua força a partir do começo do século dezenove.

Para caracterizar esta crise epistemológica podemos utilizar o estudo de Jonathan Crary sobre os modelos de visão e suas construções históricas. Segundo Crary, o

---

[16] Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*: *uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002: 346.

observador do século dezoito confronta-se com um espaço unificado e ordenado, com um mundo que pode ser estudado e comparado, um espaço imutável pelo senso ou pelo aparato psicológico do observador. Há aqui um mundo no qual o campo do conhecimento é baseado em elementos estáveis, organizados num terreno extenso. É nessa pré-configuração de mundo que estão inscritas, inclusive, as bases da Física Clássica elaboradas por Isaac Newton. Na mecânica de Newton tanto os objetos em movimento no espaço como os que permaneciam em repouso absoluto estavam sob a mesma função temporal, o mesmo fluir (matemático, uniforme) do tempo. A operação de Newton transforma o tempo numa categoria exata, num objeto exterior, uma medida que o homem poderia compreender racionalmente, num sistema que viria a explicar diversos fenômenos naturais, como a gravidade, o movimento dos cometas e o fluxo das marés – todas narrativas de um mundo cuja a superfície é estável.

Mas, como trata Foucault, a regularidade dessas afirmações termina abruptamente e a "assemblage" constituída pela câmera escura é quebrada. As décadas em torno de 1800 correspondem a uma espécie de limiar discursivo, momento em que emergem as Ciências Humanas e quando o observador passa a se observar enquanto observa o mundo. Emerge, então, o estereóscopio – aparelho que desconstrói a possibilidade de um sujeito transcendental de percepção – como novo paradigma de um modelo fisiológico, hospedado numa rede de afirmações e práticas distintas da câmera escura, na qual a imagem passa a ser criada no corpo do observador. Isso porque o universo do século dezenove já não é estável e coeso; ao contrário, é povoado de um intenso processo de mudanças e fluxos.

Neste sentido, Crary, em trilhos bastantes foucaultianos, identifica indícios dessa mudança epistemológica e desse novo posicionamento do sujeito já no final do século 18, em 1787, quando Kant escreve o prefácio da segunda edição da *Crítica da Razão Pura*, o texto "Revolução de Copérnico". Nesta segunda edição, Kant refere-se ao "escândalo" das disputas entre as várias correntes e doutrinas filosóficas, que, segundo ele, só poderiam ser superadas pela introdução da crítica. Neste sentido, um dos objetivos fundamentais do uso da razão no conhecimento da realidade seria o de estabelecer critérios de demarcação entre o que podemos legitimamente conhecer e as falsas pretensões ao conhecimento. A tarefa da crítica consistiria, portanto, em examinar os limites da razão teórica e estabelecer os critérios de um conhecimento legítimo. Assim, a *Crítica da Razão Pura* parece investigar

as condições de possibilidade do conhecimento num mundo claramente instável, transformando não só as distintas categorias de "sujeito" e "objeto" em termos relacionais, como passando a considerá-los constitutivos do conhecimento. Não seria aqui, é claro, o caso de nos aprofundarmos na obra de Kant, mas, sobretudo, entender de que maneira seu pensamento revela e intensifica uma irreversível "nebulosidade" na operação do sujeito enquanto observador. Assim como em Kant, esta fragmentação da superfície do mundo e esta opacidade perceptiva constituem o solo de muitas outras produções intelectuais, operações históricas que visam a garantir a estabilidade num mundo agora inexoravelmente instável e fragmentado. É como se a mente não estivesse mais oposta à coisa extensa – garantida e totalizada –, como se a premissa de garantia estivesse menos na espacialização da câmera escura e mais na duração de uma certa temporalidade, temporalidade inerente à experiência de um corpo. Esse é o solo constituído na modernidade, base para a fragmentação do conhecimento e para a especialização dos saberes que culminará na separação entre arte e ciência. Solo flutuante que servirá de campo tanto para a ciência, sobretudo no início do século XIX, como também para a arte e suas experimentações, principalmente na segunda metade do século. É dessa fisiologia moderna que tratam também, pelo menos de forma indireta, as experimentações artísticas que operam fundamentalmente a partir dos sentidos. A pintura de Turner e seu inquietante jogo de pinceladas, por exemplo, pode ser analisada não só pela experiência que propõe aos observadores de seus quadros, mas também pela problematização da sua experiência enquanto pintor, enquanto corpo, sua sensação ao observar o sol ou ao colocar o rosto ao vento numa veloz viagem de trem. É como se nesse mundo moderno não fosse mais possível separar os objetos da observação dos observadores e de suas experiências.

Se seguíssemos os estudos de Foucault em *As palavras e as coisas* e o detalhado trabalho de *Techniques of the Observer*, de Jonathan Crary, poderíamos citar ainda inúmeros exemplos, em diversos campos do saber e na própria separação desses campos, para exemplificar como o mundo se fragmenta na medida em que o sujeito começa a se entender como observador de segunda ordem. Por ora, o que nos interessa com os exemplos de Turner e Kant é mostrar como o incontrolável se instala na superfície do mundo; de que modo tais pensadores, cada um a sua maneira, estão todos mergulhados num universo marcado por uma intensa crise de representação. Neste sentido, há, portanto, na curva do

século – como Foucault gosta de dizer – uma mudança espitemológica que esfacela a totalidade, solicitando um esforço de síntese e, sobretudo, de controle. Isso significaria dizer que a infinita variedade de imagens e de dispositivos para a sua reprodução que a modernidade oferece à percepção convive com uma concomitante e progressiva disciplinarização do próprio observador enquanto sujeito da percepção. Assim, cruzamos, enquanto paralelos de um mesmo movimento histórico, a crise epistemológica com a efetuação de um poder disciplinar sobre os corpos. Afinal, apenas um mundo em desordem poderia demandar uma configuração de ordem, somente um solo instável poderia solicitar o poder disciplinar.

Mas seria apenas essa a relação entre o tempo regulado com a mudança epistemológica moderna? Por que o tempo teria se tornado um agente absoluto de mudança? Para Gumbrecht, essa crise de *representabilidade* analisada por Foucault está intimamente ligada à "temporalização" e à "aceleração do tempo" identificada no século XIX por alguns autores, como, por exemplo, Koselleck. Gumbrecht acredita que podemos identificar no gesto de descrever fenômenos por suas evoluções uma estratégia desse século para chegar a um acordo com a infinidade agora potencial de suas representações. Tratar-se-ia de um processo de modalização do tempo histórico, de uma vetorialização de seu fluxo numa linha progressiva e evolutiva. Numa espécie de estratégia para obtenção de uma representação mais "pertinente", as representações novas são integradas agora em modelos cada vez mais complexos de evolução ou em relatos historiográficos. Neste sentido, a historicização do tempo seria uma conseqüência da fragmentação e da instabilidade do mundo moderno, um meio de gerenciar o problema da nova percepção e experiência desse mundo: "A tese segundo a qual a temporalização é motivada por uma crise de representabilidade (...) implica, como conseqüência, que aquilo que chamamos de tempo histórico é, ele mesmo, um *cronótopo*[17] historicamente específico – e, neste sentido, um cronótopo bastante recente.[18]

Assim, a Modernidade é, talvez mais do que qualquer outra coisa, a história do tempo ou, como afirma Zygmunt Baumam, "o tempo em que o tempo tem uma história".[19] A questão que se coloca aqui é que, nos trilhos dessa temporalidade histórica, não se pode

[17] Podemos entender *cronótopo* como lugar do tempo.
[18] Gumbrecht, *op. cit*: 15.
[19] Baumam, Zigmunt *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001:129.

mais imaginar que qualquer fenômeno esteja livre de mudanças, ou seja, que esteja livre do vetor da irreversibilidade, da flecha temporal, do próprio tempo. Parece certo afirmar, de acordo com Gumbrecht, que foi exatamente a partir do século XIX que o tempo adquiriu esse papel de agente absoluto de mudança. Todas as representações são engolfadas por essa reta evolutiva, por essa lei compulsória de mudança e inovação, por esse vetor que opõe o passado – espaço da experiência – ao futuro, horizonte de expectativa. Segundo Koselleck, essa dissociação entre expectativa e experiência, posicionadas sob uma tensão permanente, constitui o que o autor denomina de temporalização moderna do tempo. Trata-se de tempo em movimento, mas um movimento com direção reta, uma seta linear. Na mesma medida em que o espaço da experiência precisa sempre ser deixado para trás, ultrapassado, negado, aperfeiçoado, o futuro se configura sem forma definida, como um campo vasto a ser plantado, um lugar de redenção.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault já havia dito que os procedimentos disciplinares revelam um tempo linear cujos momentos se integram uns aos outros e que se orienta para um ponto terminal e estável, um tempo evolutivo, serial e acumulativo, um *continuum* temporal. Essa "historicidade evolutiva" está, na perspectiva foucaultiana, ligada a um modo de funcionamento, sendo efeito e objeto da disciplina.[20] Mas o que Gumbrecht está interessado em salientar é a maneira como essa "história evolutiva" se relaciona com a experiência humana, com os processos interpretativos e cognitivos, com o campo hermenêutico. Nesse sentido, o autor sugere que o presente passa a ser vivido como aquele instante imperceptivelmente curto, sempre em movimento por impulsos convergentes de mudança, não sendo mais um intervalo de continuidade, gerando uma sensação de permanente aceleração. O presente torna-se o lugar escorregadio, mas estrutural, de onde o sujeito imagina um futuro diferente do passado e, sobretudo, de onde ele se conecta com o tempo histórico. Esta talvez seja a conseqüência mais importante da temporalização: a inter-relação entre tempo e ação, entre futuro e hoje, entre homem e história. Quando o homem passa a imaginar o futuro como horizonte aberto à invenção, como aspiração e desejo, o presente passa a ser percebido como o lugar de gestação do amanhã. Há, portanto, uma relação estreita entre uma experiência fragmentada de mundo e a elaboração daquilo que talvez tenha sido a grande marca da Modernidade: a invenção de um projeto de futuro.

[20] Foucault, Michel. V*igiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987: 136.

Essa relação faz com que a humanidade seja capaz de construir seu próprio destino e o indivíduo, seu próprio eu.

É como se o homem inserisse suas experiências (coletivas e individuais) nessa modalização temporal, nesse devir que se constrói, nesse processo aberto à criação, nessa existência que se desdobra em acontecimentos sucessivos, nessa possibilidade de autonomia. É fundamental que não deixemos escapar esta idéia: neste momento, a problematização do presente torna-se possível e necessária. O sujeito moderno imagina o amanhã e acredita ser capaz de construí-lo através da ação presente. O futuro deixa de estar ao "bel-prazer dos deuses" ou de qualquer outro processo mágico e indecifrável; ele depende do que o homem faça no agora. A própria fonte de legitimação das instituições não se constitui mais a partir de uma esfera transcendente à ação humana, mas ao contrário, passa a fundar-se nela. As utopias modernas, os projetos ideológicos e os programas partidários estiveram todos ancorados neste *projeto de construção de autonomia*, pois "somente numa cultura em que a nossa história passa a ser vista como efeito das ações dos homens é que o ideal de autonomia pode se construir como projeto".[21] Tal idéia de autonomia não orienta só os projetos coletivos (científicos ou políticos), mas também está presente nas narrativas do indivíduo, na construção de uma subjetividade interiorizada, num homem narrador de si como devir. Segundo Benilton Bezerra Jr., a construção desse indivíduo exige uma percepção de tempo que só a sociedade moderna pôde constituir. A identidade do indivíduo, assim como a ordem social, é imaginada como "projeto de vida", construído sistematicamente, dia após dia, degrau após degrau, tijolo em cima de tijolo, a partir de um desejo de domínio de si e da realidade. Estamos falando, portanto, de uma corporificação do sujeito de segunda ordem, concomitante a uma subjetivação do indivíduo, narrativas inscritas numa certa temporalidade vetorial e progressiva. A ação deste sujeito moderno – atitude que o conecta com o tempo histórico – é efetuada a partir do presente numa articulação específica entre tempo e espaço. É o corpo que age, e ele age e experimenta no *espaço*. Assim, o espaço passa a ser o elo entre pensamento e ação, sendo a dimensão que liga o corpo ao tempo. Para Gumbrecht, essas determinações fazem parte das estruturas fundamentais dos estados sociais do saber moderno, pensamento que se

[21] Bezerra, A retomada do futuro: tempo e utopia na subjetividade contemporânea, In *Mosaicos*, imagens do conhecimento. SOUZA, Solange Jobin e (org.) Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000: 90.

caracteriza por uma assimetria entre espaço do passado e horizonte do futuro, "espaço da experiência" e "horizonte da expectativa". Construção responsável, portanto, pela impressão de que há em curso uma *linha* histórica progressiva e evolutiva: a moderna *linha do tempo* em direção a um futuro melhor e, sem dúvida, libertador. Assim, se fizermos um esforço para voltar às imagens do mundo de Benjamim, iremos notar que, apesar de fragmentada, a temporalidade moderna estava, além de atrelada ao espaço, firmemente costurada em um passar de tempo evolutivo que desembocava na idéia de um futuro emancipador.

Bibliografia

BAUMAM, *Modernidade Líquida.* Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

BEZERRA, Benilton. A retomada do futuro: tempo e utopia na subjetividade contemporânea, In *Mosaicos*, imagens do conhecimento. SOUZA, Solange Jobin e (org.) Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

CHARNEY, Leo. Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade. *In* Charney e Schwartz, *op. cit*.: 392-394.

ELIAS, Nobert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1984.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*: *uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____ V*igiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

Gumbrecht, Hans Ulrich. *A Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.

ORTEGA, José Y Gasset, A rebelião das Massas, São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SIBILIA, Paula. *O homem Pós-orgânico:* Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. *In* CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa, *O cinema e a invenção da vida moderna*, São Paulo: Cosac & Naify, 2001.